

Professor, onde vou usar isso? Resignificando velhas perguntas em uma sociedade líquida

Teacher, where am i going to use this? Reframing old questions in a liquid society

Valdir Damázio Júnior¹
Universidade do Estado de Santa Catarina
Valdir.damazio@udesc.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir por meio de uma pesquisa bibliográfica, algumas das características da sociedade contemporânea sob a perspectiva teórica da modernidade líquida desenvolvida pelo sociólogo Zygmunt Bauman. Além disso analisaremos alguns dos principais desafios que a modernidade líquida impõe à educação. Com esse objetivo pretende-se partir da pergunta *Professor, onde vou usar isso?* para discutir o papel da educação em nossa sociedade contemporânea. Para isso vamos tentar situar professor, aluno e escola dentro do contexto atual de uma modernidade líquida buscando assim amadurecer um pouco nossa compreensão sobre os desafios educacionais que vivenciamos tanto na prática docente quanto na formação de professores. Por meio do desenvolvimento dessa problematização poderemos concluir que os efeitos da modernidade líquida sobre a educação não podem ser desconsiderados e que o ponto de partida para isso é a compreensão das características da nossa sociedade líquida.

Palavras-chave: Modernidade sólida; Modernidade líquida; Formação de professores.

1 Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Joinville, Santa Catarina, Brasil.

Abstract: This article aims to discuss through bibliographic research some of the characteristics of our contemporary society from the theoretical perspective of liquid modernity developed by the Polish Zygmunt Bauman. In addition, we will also analyze some of the impacts and challenges that liquid modernity imposes on education. With this objective we intend to start from the question teacher, where am I going to use this? to discuss the role of education in our contemporary society. For this we will try to situate teacher, student and school within the current context of a liquid modernity, in order to mature our understanding of the educational challenges we experience in teaching practice and teacher education. Through the development of this problematization we can conclude that the effects of liquid modernity on education cannot be ignored. For this, we need to start from an understanding of the characteristics of our liquid society.

Keywords: Solid modernity. Liquid modernity. Teacher Education.

As rosas amo dos jardins de Adônis,
Essas volucres amo, Lídia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.
A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
Antes que Apolo deixe
O seu curso visível.
(Fernando Pessoa)

Introdução

A velha e incômoda questão *professor, onde vou usar isso?* ou qualquer uma das diversas variações, está diretamente relacionada à prática docente. Muito provavelmente todo professor já a ouviu.

Essa pergunta por diversas vezes apareceu diante de mim, nos mais variados contextos e situações possíveis. Algumas dessas ocasiões se deram durante minha atuação como professor de Matemática tanto da educação básica quanto do ensino superior, quando o aluno desejava de fato saber onde ele poderia utilizar o conteúdo que estava aprendendo. Outras tantas vezes apareceu na minha atuação como formador de professores, agora não dirigidas diretamente a mim, mas buscando respostas em como lidar com esses temas no futuro, quase sempre num anseio/angústia no que diz respeito a como agir diante de uma situação assim.

Na primeira vez que um aluno me fez essa pergunta há vários anos atrás quando eu iniciava minha carreira docente, ela tinha um significado diferente do que a mesma questão colocada como uma situação preocupante e desafiadora para um professor em formação, situação dos meus alunos atuais. Questões desse

tipo são centrais para a prática do professor e remetem a problemas de fundo tais como as finalidades da educação ou mesmo da interação do homem com o conhecimento.

Perguntas não são estáticas, elas se transformam e assumem significados completamente diferentes ao longo do tempo, culturas, contextos sociais e históricos. Se a pergunta já assume nuances e significados múltiplos, em maior medida isso ocorre com as possíveis respostas.

Metodologicamente este trabalho constitui-se de uma pesquisa bibliográfica buscando uma problematização do nosso contexto educacional. A principal fundamentação teórica para este trabalho é a obra do sociólogo Zygmunt Bauman, mais precisamente suas discussões envolvendo o conceito de modernidade líquida. Com base nisso pretendo usar a pergunta *professor, onde vou usar isso?* como disparadora para discutir o papel que a educação ocupa na sociedade contemporânea e as nem tão sutis diferenças com outros momentos históricos.

Para isso vamos tentar situar professor, aluno e escola dentro do contexto atual de uma modernidade líquida, tentando assim amadurecer um pouco nossa compreensão sobre os desafios educacionais que vivenciamos tanto na prática docente quanto na formação de professores.

Modernidade líquida

O conceito de modernidade líquida foi criado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman para caracterizar a sociedade em que vivemos. Segundo Bauman (2001), a modernidade líquida se contrapõe a modernidade sólida pelo derretimento e liquefação de tudo que um dia foi sólido e duradouro. A modernidade pode ser caracterizada pelas transformações políticas, científicas e sociais ocorridas na Europa a partir do século XVII, principalmente com a revolução industrial, a revolução científica e a revolução francesa, com consequências globais.

A modernidade ocasionou profundas transformações em diversas estruturas sociais, derretendo e remodelando pilares tidos até então como sólidos. A diferença entre a modernidade sólida e a nossa sociedade líquido-moderna se dá justamente no fato que

[...] tudo isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para *novos e aperfeiçoados sólidos*; para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável. (BAUMAN, 2001, p. 10, grifos no original).

Ou seja, o objetivo era o derretimento do estado imperfeito das coisas por uma nova versão, mais perfeita, estável e duradoura. Buscava-se, preferencialmente de uma vez por todas, “inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável.” (BAUMAN, 2001, p. 10).

Podemos destacar então como uma das principais diferenças entre a modernidade líquida e a modernidade sólida como sendo o abandono do ideal de sólido e duradouro, ou seja, “da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio [...]”. (BAUMAN, 2001, p. 41, grifos no original).

Se antes se destruía na esperança de se estar construindo um mundo melhor e duradouro, agora o contínuo derretimento é a própria lógica interna da nossa sociedade.

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vóo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 662).

Nesta lógica de constante e contínuas transformações, outro fator também preponderante é a velocidade das transformações. Não basta abandonar a fidelidade para que se possa estar disponível quando um novo mais desejável aparecer, é preciso um movimento contínuo, veloz, leve e sem impedimentos.

No mundo volátil da modernidade líquida, no qual é difícil uma forma manter sua estrutura pelo tempo necessário para garantir a confiança e se coagular numa credibilidade de longo prazo (não há como saber se e quando o fará, e, de todo modo, é pouco provável que o faça), andar é melhor que ficar sentado, correr é melhor que andar, e surfar é ainda melhor que correr. Melhor surfista é o que desliza com leveza e agilidade, que não é muito exigente quanto às ondas que virão e que está sempre pronto a abandonar as antigas preferências. (BAUMAN, 2010, p. 45-46).

Numa lógica onde evitamos compromissos de longa duração, principalmente aqueles que sejam mais difíceis de descartar rapidamente, “por que razão ‘o pacote de conhecimentos’ obtido durante uma passagem pela escola ou universidade deveria ser excluído dessa regra universal?” (BAUMAN, 2011a, p. 113).

Este é um dos principais desafios que a educação está exposta nos dias de hoje, propiciar “um tipo de conhecimento pronto para utilização imediata e, sucessivamente, para sua imediata eliminação, [...]” (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 663). A complexidade do desafio se mostra ainda maior se atentarmos para o fato de que ele é na prática oposto aos objetivos construídos historicamente e que tiveram seu ápice na modernidade, a saber, o acúmulo e desenvolvimento de conhecimentos, saberes e competências que melhor possibilitem a compreensão e o aprimoramento do mundo natural, social e pessoal. Ao contrário disso, “o mundo que habitamos parece muito mais uma máquina de esquecer que um ambiente favorável e propício ao estudo.” (BAUMAN, 2011a, p. 114-115).

Diante dessa análise já podemos suspeitar que quando um aluno, nos dias de hoje, naturalmente imerso em uma sociedade líquida pergunta onde irá usar o que está aprendendo, diferente do que estamos acostumados a pensar, sua pergunta pode estar se referindo a uma utilização imediata. Sua pergunta poderia talvez ser entendida como, *onde vou usar isso nos próximos 30 minutos?* Quando muito.

Essa possível interpretação da nossa questão a torna ainda mais inquietante e preocupante. Todas as respostas satisfatórias, ou que nos satisfaziam, para essa pergunta remetiam ao futuro, a um futuro que seria menos incerto e mais promissor de forma diretamente proporcional a quantidade de conhecimentos adquiridos e saberes acumulados.

Tais seguranças futuras no que diz respeito à educação eram sustentadas principalmente por dois pilares, a imutabilidade do mundo e a imutabilidade da natureza humana.

Como transmitir as verdades de um mundo que muda o tempo todo?

A hipótese, ou talvez até poderíamos dizer a crença na imutabilidade do mundo, esteve diretamente relacionada aos pressupostos e objetivos da educação, bem como ao trabalho do educador. Se o mundo é imutável, então isso justifica “a necessidade e as vantagens da transmissão do conhecimento dos professores aos alunos.” (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 664).

Num mundo onde as metas eram estabilidade e previsibilidade, como na modernidade sólida, escola, professor e aluno desempenham papéis bem definidos. Cabia a escola ser o ambiente favorável para que os professores pudessem transmitir os estáveis conhecimentos duramente desenvolvidos pela humanidade para seus alunos. Uma vez de posse destes saberes, os alunos estariam preparados para compreender o mundo onde habitam e desenvolver ainda mais o conjunto de saberes acumulados rumo a um saber total.

Para Demerval Saviani

A escola surge como um antídoto à ignorância [...]. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola organiza-se como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma graduação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos. (SAVIANI, 2009, p. 5-6).

Tais objetivos educacionais foram estabelecidos “na medida de um mundo duradouro, na esperança de que este permanesse assim e fosse ainda mais durável do que havia sido até então.” (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 664).

Estas certezas e seguranças com relação a instituição escolar e ao papel do professor, são também postas à prova na modernidade líquida, em que um

[...] imediato e profundo *esquecimento* de informações defasadas e o rápido envelhecimento de hábitos pode ser mais importante para o próximo sucesso do que a memorização de lances passados e a construção de estratégias sobre um alicerce estabelecido pelo *aprendizado* prévio. (BAUMAN, 2007, p. 9-10, grifos no original).

Dessa forma, os pressupostos da educação que consistiam em “aprender quantidades excessivas de informações, procurando absorvê-las e memorizá-las, aspirando tenazmente à completude e à coesão das informações adquiridas, é visto com suspeita, como uma ilógica perda de tempo...” (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 670). Isto se dá, pois a velocidade e a natureza das transformações atuais não permitem mais nos pautarmos no imaginário moderno de linearidade epistemológica, onde espera-se que a aquisição do conhecimento, ou mesmo o desenvolvimento científico, se dê do mais simples ao mais complexo. Em resumo, de que existam caminhos predefinidos capazes de conduzir da ignorância ao conhecimento.

Paralelamente, a certeza na imutabilidade da natureza humana que “incutia no professor a autosssegurança necessária para esculpir a personalidade dos alunos e, como o escultor com o mármore, pressupunha que o modelo fosse sempre justo, belo e bom” (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 664), também parece sofrer alguns abalos em nossa sociedade. Na etapa sólida da modernidade os professores eram vistos como lançadores de mísseis balísticos, em que através de cálculos corretos e meticulosos os projéteis atingiriam invariavelmente seus alvos. Nessa metáfora apresentada por Bauman (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 672), os alunos seriam os mísseis, que sairiam das mãos de seus professores moldados e preparados para um futuro certo. O que definia o sucesso ou o fracasso dos alunos era o nível de aceitação e empenho em se deixar guiar pelas coordenadas preestabelecidas pelos programas e currículos, postos em prática pelos professores.

Porém mísseis balísticos só são eficientes quando os alvos estão imóveis, “no mundo volátil da modernidade líquida, onde as coisas raramente mantêm sua forma por tempo suficiente para garantir segurança e confiabilidade a longo prazo” (BAUMAN, 2011a, p. 115), as garantias de sucesso baseadas em métodos antigos já são incertas e duvidosas.

Saímos do labirinto imutável e congelado dos behavioristas, das rotinas uniformes e monótonas elaboradas por Pavlov, para o mercado livre e aberto, onde tudo pode acontecer a qualquer hora e nada pode ser feito em definitivo; onde dar passos bem-sucedidos é uma questão de sorte, e nada garante que o sucesso se repetirá. (BAUMAN, 2011a, p. 117).

De forma brusca, um cenário de estabilidade e previsibilidade, de métodos e estratégias claros e precisos para permitir aos melhores e bem treinados as habilidades necessárias para sair dos labirintos e capaz de incutir neles as rotinas, comportamentos, formas de pensar e atitudes esperadas se desmanchou sob nossos pés.

Assim nos deparamos com um novo problema. Se a educação é voltada para o futuro, para uma preparação capaz de propiciar as bagagens necessárias para a viagem, como lidar com isso se não fazemos a menor ideia do destino da viagem?

Formando para um futuro melhor

Uma outra forma em que os discursos de preparação para um futuro melhor são frequentemente invocados, tanto nos discursos oficiais quanto nas falas dos atores envolvidos nos processos didáticos, é o de preparação para o trabalho e as vantagens da escola para atingir uma situação mais favorável no futuro. Afinal, através do aumento da escolarização seria possível “melhorar a posição do jovem no mercado de trabalho.” (CHARLOT, 2007, p. 131).

Assim a escola foi vista como um elevador social, sendo a educação e a aquisição dos conhecimentos escolares um caminho para atingir tais objetivos. Ainda que este ponto tenha sido duramente questionado por Bourdieu (1992, 1998), para os pais e a sociedade em geral a educação seria o meio pelo qual seus filhos poderiam ter uma vida melhor.

Num contexto como esse não restavam dúvidas ao professor com relação a importância e a eficácia da sua ação didática. As únicas dúvidas que permaneciam eram como transmitir melhor os conhecimentos e como fazer com que os alunos percebessem a importância desse processo, “assim, a rebeldia dos educandos tende a ser encarada pelo educador como um desafio que lhe cumpre superar, conduzindo-os à percepção de que eles próprios são os maiores prejudicados com tal comportamento.” (SAVIANI, 2009, p. 74). Os objetivos da escola apontavam

para a vida adulta, para o futuro. A sala de aula era um lugar de trabalho. O único prazer admissível era o prazer de aprender aquilo que estava sendo ensinado. A escola da Modernidade sólida pensava no longo prazo, em uma temporalidade linear e contínua. (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009, p. 198).

Em nosso contexto líquido-moderno, este porto seguro de um futuro profissional promissor passa também por uma total transformação e resignificação. Onde imperava a certeza e a segurança no sucesso, agora se insinuam mistérios e suspeitas, ao invés da materialidade de um porto seguro existe apenas, se existir se aplica aqui, a imaterialidade de uma ilha fantasma.

Tais incertezas sobre a garantia da relação direta entre escola e sucesso profissional já começam a se mostrar bastante evidentes. Essas garantias se pautavam no fato de que a escola era capaz de preparar os alunos para o mercado de trabalho. Num contexto sólido em que o mercado de trabalho é conhecido e as suas regras de desenvolvimento e evolução são claras, ou ao menos intuídas, isso poderia ser verdadeiro ainda que se assemelhasse mais a um jogo de cartas marcadas que de oportunidades igualitárias. Porém

trazendo para o nosso contexto atual não podemos afirmar isso tão apressadamente e com tanta *vontade de certeza*.

De acordo com relatório realizado em 2018 pelo Foro Econômico Mundial, várias carreiras profissionais sofrerão significativas reduções, algumas até desaparecerão, por conta dos processos de automação e inteligência artificial, impulsionados pelas já irrefreáveis transformações do que vem sendo chamado de revolução industrial 4.0. Cenário este que se acelerou ainda mais com as consequências da pandemia de COVID-19. Ainda segundo o mesmo relatório, essas reduções nos postos de trabalho já poderão ser sentidas em 2022.

Outro relatório do Foro Econômico Mundial (2016) apresenta uma perspectiva que professores não deveriam desconsiderar sem profundas reflexões. Destaca que 65% das crianças que entram na escola nos dias de hoje trabalharão em tarefas que ainda sequer existem!

Essas transformações sociais com relação ao trabalho atuam de duas maneiras que impactam diretamente a escola, ainda que não de forma consciente. Uma sobre a sociedade adulta, simbolizada aqui por pais e professores, e outra sobre as novas gerações, ou seja, os alunos.

Diferentemente de um contexto histórico em que a escola era vista como uma forma de ascensão social, os pais de hoje começam a duvidar desse axioma. Ainda que nos discursos isso ainda não tenha desaparecido de todo, outras experiências, competências e formas de aquisição de conhecimento tais como, intercâmbios, cursos, acompanhamento de professores particulares, *home schooling*, *softwares* educacionais, dispositivos dotados de inteligência artificial etc., começam a adentrar o imaginário social fazendo com que ocorra uma “perda do tradicional monopólio das instituições escolares no papel de tutoras do conhecimento”(PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 670).

Esses efeitos sobre a sociedade no que diz respeito a uma desvalorização da escola enquanto garantidora de capital cultural, usando a expressão de Bourdieu, carecem ainda de maior estudo e sistematização para que possamos afirmar com segurança os seus impactos e consequências.

No que concerne aos alunos podemos ver as coisas com um pouco mais de clareza, pois é sobre esses que essas transformações sociais têm peso maior. Diferente de seus pais e professores, eles são nativos de uma fase altamente tecnológica da sociedade líquida, em que a incerteza sobre o amanhã não é uma hipótese ou uma questão filosófica, mas sim uma experiência vivenciada cotidianamente. Sendo assim, projetos de longo prazo, sacrifícios em prol do futuro e privações no presente não são apenas ilógicos como carecem de completo sentido. “Uma vez que é impossível calcular que tipo de lucros futuros um sacrifício presente pode trazer, se houver algum lucro, por que se deveria abrir mão do prazer imediato capaz de se tirar do aqui e agora, de se desfrutar ali mesmo?” (BAUMAN, 2011b, p. 130).

Nesse contexto, nossa recorrente questão quando feita por nossos alunos pode ser muito mais ampla, não se restringindo ao assunto ou ao conteúdo abordado no momento pelos professores, mas a algo como *para que estou aqui?* Os alunos de hoje podem, portanto, estar vendo a escola como uma peça fora de lugar no seu mundo. Ela promete certezas para um amanhã, um futuro melhor, um trabalho mais qualificado, um caminho para se tornar alguém na vida. Porém na modernidade líquida o amanhã não é importante hoje. “De

fato, eles chegariam a contestar: como eu saberei o que o próximo mês me trará, para não falar no próximo ano?” (BAUMAN, 2011b, p. 132).

Num futuro incerto, em que nem mesmo as profissões onde os alunos irão trabalhar existem ainda, onde os trabalhos não são para a vida toda, afinal “o mundo está cheio de oportunidades maravilhosas, sedutoras e promissoras; é loucura perder qualquer delas tentando se amarrar de pés e mãos a compromissos.” (BAUMAN, 2011a, p. 22), a única aptidão que parece fazer sentido é a flexibilidade, entendida como “a competência para se livrar depressa das aptidões inúteis, de esquecer logo e se desfazer logo dos recursos do passado”. (BAUMAN, 2011b, p. 133). É essa mesma flexibilidade que impulsiona para a melhor jogada no presente, não gastando tempo em coisas que não possam ser usufruídas instantaneamente ou que careçam de significado imediato, uma vez que o futuro é duvidoso.

Assim, a possível resposta *isso é importante para garantir um futuro melhor* parece se desmanchar no ar como tantas outras coisas em nossa sociedade líquida.

Em meio a uma *overdose* de informações

Outra característica de nossa sociedade líquida e que também afeta diretamente os processos educativos é a grande quantidade de informações e conteúdos que temos a nossa disposição. Nos já *distantes* anos 2000, Demo destacava que “estamos entupidos de informação, cercados de um bombardeio do qual já não temos qualquer controle.” (DEMO, 2000, p. 39). De lá para cá este bombardeio se intensificou numa escala sem precedentes. Estamos expostos a uma grande quantidade de entretenimento, tais como filmes, séries, músicas e opções de lazer, o que incluem as informações referentes ao planejamento do lazer. Estamos imersos em uma ampla, complexa e constante rede de informações e notícias sobre o mundo, política, sobre os assuntos de nossa preferência e mesmo às vidas de pessoas, famosas ou não, por meio das redes sociais. O mesmo processo também se dá com relação ao acesso ao conhecimento mediante sites especializados, *softwares* e aplicativos educacionais, enciclopédias livres que crescem continuamente, videoaulas, cursos sobre os mais variados assuntos e com as mais variadas metodologias, etc, etc etc...

O que para as gerações anteriores representa algo a ser amplamente valorizado, para as gerações mais novas é apenas o estado natural das coisas, afinal “tudo o que nos é fácil, constante e fartamente acessível tende a ser óbvio demais para ser notado, quanto mais para nos fazer pensar”. (BAUMAN, 2011a, p. 60).

Se transpormos essa discussão para dentro da escola conseguiremos compreender com um pouco mais de clareza o diálogo, ou a falta dele, que ocorre entre professores e alunos no que diz respeito a valorização dos saberes escolares.

Para os professores permanece, ainda que sem muitos contornos, um imaginário onde o conhecimento precisava ser valorizado justamente pela sua dificuldade de aquisição, o que “tornava a tarefa de aprender necessariamente planejada, dispendiosa de esforços, e por isso, valorizada.” (SOUZA, 2009, p. 2). Assim, o desinteresse escolar é visto como um descaso com uma grande oportunidade que, voltando a um ponto já discutido, poderia garantir um futuro melhor.

Essa perspectiva de análise carece de significado para os alunos das novas gerações, uma vez que percebem os saberes escolares transmitidos pelos professores apenas como mais informação, ou seja, algo que eles já experimentam em excesso e inclusive por meio de formas muito mais dinâmicas do que os métodos escolares.

Ao invés de um privilégio, a possibilidade de estar em contato com os promissores conteúdos escolares, mesmo quando valorizados pelos alunos, é visto na melhor das hipóteses como algo importante num momento impróprio. Num mundo plenamente conectado em que uma avalanche constante de informações superficiais cria a sensação de que toda a informação está disponível instantaneamente, nossos alunos são levados a constatação de que já possuem os conhecimentos (informações) que os professores têm a ensinar, pois eles estão disponíveis ao alcance das mãos, a alguns toques, ou por meio de comandos de voz.

Nessa linha de raciocínio, nossa polissêmica questão pode estar sendo enunciada num sentido de revolta contra a redundância de terem que aprender algo que já sabem, por acreditarem possuir fácil acesso aqueles objetos que lhes estão sendo ensinados. Em outras palavras, se a escola é vista como apenas mais uma provedora de informação, *então por que eu preciso aprender isso agora se na hora que eu precisar eu já tenho isso à minha disposição?*

Esse talvez seja um dos principais desafios, dentre tantos, que a escola enfrenta hoje, “a arte de viver em um mundo ultrassaturado de informações ainda deve ser aprendida, assim como a arte ainda mais difícil de educar o ser humano neste novo modo de viver.” (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 667).

Considerações provisoriamente finais

Meu objetivo com este trabalho foi o de discutir algumas características de nossa sociedade líquido-moderna e algumas consequências dessa perspectiva de análise sobre a educação. Para isso parti de uma pergunta tão conhecida dos professores e que gera ansiedade e desconforto até mesmo em professores em formação, apontando alguns significados novos que essa questão assume em tempos líquidos.

Como deve ter ficado claro para o leitor não pretendi aqui fazer uma exposição exaustiva e sistemática de todos os significados que essa pergunta pode assumir nos dias de hoje. Meu objetivo foi apenas usar a questão como uma estratégia para discutir algumas características da modernidade líquida e de como ela se manifesta na educação nos dias atuais, principalmente sobre os alunos, nativos de uma fase avançada de liquidez altamente tecnológica, o que intensifica ainda mais a natureza fluida e veloz de nossa sociedade.

Dessa forma, dentre os novos sentidos líquido-modernos que os questionamentos quanto aos objetivos e utilizações dos conteúdos aprendidos podem assumir e que estão diretamente relacionadas as características da modernidade líquida, podemos destacar. 1) a instantaneidade, ou a desvalorização de tudo o que não tenha utilidade imediata, inclusive saberes escolares; 2) a sensação de constantes mudanças e transformações, o que leva a conclusão de que se o mundo muda o tempo todo não faz sentido apostar todas as fichas no estudo do seu estado atual, que é o que muitas vezes a escola oferece; 3) as incertezas quanto ao

futuro do trabalho, pondo em xeque o discurso da escola enquanto instrumento capaz de preparar para um futuro melhor ou, ao menos, uma melhor colocação no mercado de trabalho; 4) a *overdose* de informação à qual estamos constantemente expostos e que é capaz de criar a ilusão de que tudo está facilmente ao nosso alcance, inclusive os conhecimentos trabalhados pela escola, não sendo assim a escola mais a única forma de ter acesso a essas informações.

Imagino que muitos leitores que chegaram até aqui buscando encontrar maneiras de responder as indagações dos seus alunos quanto a utilidade dos conteúdos escolares e a importância da escola, ou ao menos encontrar sugestões de como obter essas respostas, tenham ficado decepcionados.

Não foi meu objetivo apresentar respostas ou caminhos, porém me arrisco a dizer que iniciativas de sucesso, provisório obviamente, e suspeito que apenas individuais, não buscarão respostas de quais os objetivos de ensinar esse ou aquele conteúdo. Se professores, escola e ensino possuem um lugar significativo em nossa sociedade em constante mutação, precisamos começar nos debruçando sobre as características dessa sociedade. Mas sou obrigado a mais uma vez concordar com Bauman (PORCHEDDU; BAUMAN, 2009, p. 667). “Nenhuma reviravolta da história humana pôs os educadores diante de desafios comparáveis a esses decisivos de nossos dias.”

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.
- BAUMAN, Zygmunt. **Existe ética num mundo de consumidores?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011b.
- BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARLOT, B. Educação e globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate. **Sísifo: revista de ciências da educação da Universidade de Lisboa**, n. 4, p. 129-136, set./dez. 2007.
- DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da In-formação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, p. 37-42. 2000.
- PESSOA, F. **Poesia completa de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PORCHEDDU, A.; BAUMAN. Entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa, Espaço Plural**, v. 39, n. 137. p. 661-684. 2009.

SARAIVA, K.; VEIGA-NETO, A. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, v. 34(2), maio-ago., p. 187-201. 2009.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SOUZA, S. A. F de. **As redes sociais e a liquidez na Sociedade 140 bytes**: sob os olhos da Coruja de Minerva. Manaus: Artigo apresentado XIV Semana de Letras da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The future of jobs**: Employment, skills and workforce strategy for the fourth industrial revolution. World Economic Forum. 2016.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The Future of Jobs Report**: Centre for the New Economy and Society. World Economic Forum. 2018.

Submetido: 03/06/2020

Aceito: 10/08/2021